

# Este Brasil vai muito mal de saúde

Debilidado ao longo dos anos por absoluta falta de oxigênio e péssimo funcionamento de suas células e órgãos, o sistema de saúde do Brasil é hoje um gigantesco paciente terminal. Seu organismo tem infecções e doenças conjuntas como poucos países do mundo, carregando milhões de casos de doenças (veja quadro nesta página) a começar pelos alarmantes índices de mortalidade infantil.

Embora esse índice tenha diminuído nos últimos anos, ainda assim é alto: em cada grupo de 100 crianças brasileiras, oito morrem antes dos cinco anos de idade — esse índice chega a 136 mortes por mil no Nordeste e é quase três vezes superior à taxa máxima considerada aceitável pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Mais assustador é saber que 53% dos óbitos de crianças com menos de um ano tiveram como causa doenças facilmente preveníveis, como a diarreia. Pior: no Nordeste, 96 mil pessoas morreram em 1985 por causas mal definidas, o que, na maioria dos casos, significa falta de assistência médica.

Esse sistema deficiente é um organismo que realizou, no ano passado, 12 milhões de internações e mais de 120 milhões de consultas, mas ao qual pelo menos oito milhões de pessoas não tiveram acesso. São 60 milhões os contribuintes da Previdência Social, mas a metade tira dinheiro do bolso uma segunda segunda vez para pagar convênios e seguros de saúde — já que não vê retorno, na forma de assistência médica, da contribuição dada ao INPS.

## Longe do front

E o exército de glóbulos brancos na pele de 210 mil médicos e mais 415 mil enfermeiros e auxiliares, mesmo representando um índice adequado e acima das recomendações da OMS (um médico para cada grupo de mil habitantes) também não consegue vencer a batalha, obstruído pelas mais diversas barreiras. A má distribuição geográfica das tropas — concentradas nas regiões Sul e Sudeste e grandes centros urbanos, deixando abandonados os fronts do interior dos estados e das periferias das metrópoles, onde a batalha contra as doenças é mais remida —, é apenas uma delas.

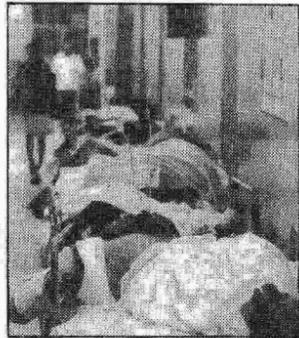
Este exército tem à sua disposição cerca de seis mil hospitais e 24 mil postos de saúde para combater a doença — Isso não basta. O Brasil tem, em média, um leito para cada 300 habitantes, quando o recomendado pela OMS é um para 200. O déficit é de 190 mil leitos. Situação agravada pela sua má distribuição e também pela desativação de muitos desses leitos, por falta de funcionários. Hospitais da rede estadual de São Paulo, por exemplo, têm cerca de 40% de seus leitos desativados por falta de pessoal de enfermagem.

Desestimulado pela baixa remuneração e a falta de armas para combater a doença, como materiais, medicamentos e equipamen-

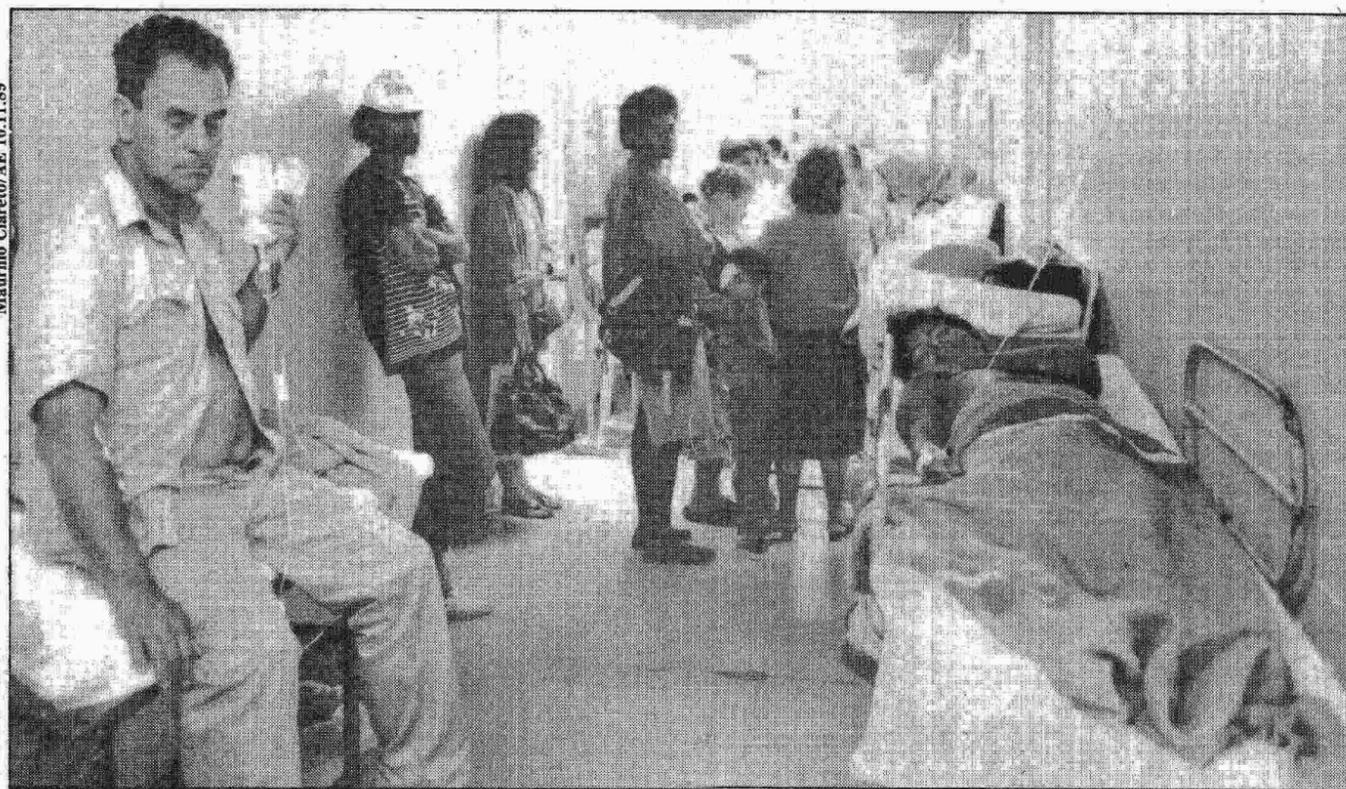


Célio Jr./AE 14.07.89

Ter no País seis mil hospitais desaparelhados, 210 mil médicos e 415 mil enfermeiros e paramédicos mal pagos está longe de garantir um atendimento satisfatório aos milhões de brasileiros que precisam esperar em imensas filas antes de serem empilhados nos corredores dos hospitais.



Maurício Claret/AE 10.11.89



## Números de um País doente

As principais cifras da falta de saúde dos brasileiros

Mortes de crianças com até um ano de idade por desnutrição	8%
Mortes de crianças antes dos 5 anos de idade (em cada mil)	80
Número de brasileiros com esquistossomose	20 milhões
Casos de leishmaniose	13 milhões
Hipertensos	8 milhões
Diabéticos	7 milhões
Portadores de doença de Chagas	6 milhões
Portadores de malária	1 milhão
Casos de lepra	600 mil
Óbitos/ano causados por câncer	70 mil
Casos de Aids registrados	11 mil
Percentual da população com cáries	97%

Fontes: IBGE/Ministério da Saúde

tos modernos, este exército ainda carrega uma legião de empregados-fantasma e outra maior de funcionários que simplesmente faltam ao trabalho. "Ninguém mais tem ânimo de fazer nada porque não há retorno", constata uma médica paulista que trabalha nas redes estadual e municipal de saúde. Ela não se refere aos salários, mas à falta de continuidade dos programas de saúde, à inexistência de campanhas de prevenção e à falta de acompanhamento do histórico dos pacientes. "Quando o paciente procura o médico, é porque ele já está doente — e às vezes há pouco a fazer", afirma.

O estado terminal do sistema de saúde brasileiro, no entanto, nada mais é do que o resultado de um

absoluto pouco caso do Brasil com o setor. Um pouco caso já histórico. O país nunca investiu mais do que 4% do Produto Interno Bruto (PIB) em saúde, quando qualquer país industrializado nunca aplica menos de 8% do PIB no setor. São apenas US\$ 80 a US\$ 100 gastos anualmente com a saúde de cada brasileiro, enquanto Estados Unidos e Canadá aplicam por ano cerca de US\$ 2 mil e US\$ 1 mil, respectivamente, para cuidar da saúde de cada um de seus cidadãos. No ano passado, o gasto brasileiro com saúde foi de de US\$ 13,3 bilhões, dos quais US\$ 7 bilhões do setor privado e US\$ 6,3 bilhões do setor público. No mesmo período, os EUA gastaram US\$ 600 bilhões com assistência médica.